COMUN. MÍDIA CONSUMO, SÃO PAULO, V. 23, E3181, JAN./DEZ. 2026
https://doi.org/10.18568/cmc.2026.e3181

ARTIGO

Entre dispositivos e cativeiros: representações da maternidade solo no cinema contemporâneo

Between apparatuses and captivities: representations of single motherhood in contemporary cinema

Juliana Vargas[1]
Thais Saalfeld[1]

RESUMO: *Este estudo analisa a representação da maternidade solo em produções cinematográficas contemporâneas disponíveis em plataformas de streaming, tomando como corpus os filmes* Até a Última Gota e Mãe Terra. *Ancorada nos Estudos Culturais em Educação e nos Estudos Feministas, a pesquisa mobiliza a análise cultural para examinar discursos e representações sobre o maternar. Os resultados evidenciam que as narrativas denunciam as marcas da maternidade solo, principalmente a sobrecarga de responsabilidades concentradas na figura materna, agravadas por contextos de vulnerabilidade socioeconômica. Identificam-se, ainda, formas de aprisionamento simbólico associadas ao cativeiro e ao dispositivo da maternidade. Conclui-se que a mídia atua na produção de sentidos que (re)configuram limites e possibilidades do exercício da maternidade na contemporaneidade.*

Palavras-chave: maternidade solo; dispositivo da maternidade; cinema contemporâneo; estudos culturais.

[1]Universidade Federal do Rio Grande do Sul – Porto Alegre (RS), Brasil.
Editoras: Gisela G. S. Castro, Maria Collier de Mendonça e Milena C. B. F. de Oliveira-Cruz.

ABSTRACT: *This study analyzes the representation of single motherhood in contemporary film productions available on streaming platforms, using the films* Straw *and* Earth Mama *as its corpus. Anchored in Cultural Studies in Education and Feminist Studies, the research mobilizes cultural analysis to examine discourses and representations of motherhood. The results show that the films foreground the burdens of single motherhood, mainly the concentration of caregiving responsibilities on mothers, aggravated by contexts of socioeconomic vulnerability. Forms of symbolic imprisonment associated with the captivity and apparatus of motherhood are also identified. The study concludes that the media participate in the production of meanings that (re)configure the limits and possibilities of the exercise of motherhood in contemporary society.*

Keywords: *single motherhood; apparatus of motherhood; contemporary cinema; cultural studies.*

Tomada 1: em cena a gestação da pesquisa

O conceito de maternidade tem adquirido novas compreensões, sobretudo a partir dos Estudos Feministas. Meyer (2005) ressalta que foi com a denominada "segunda onda" do feminismo que a maternidade começou a ser desmistificada como um instinto natural das mulheres e, por conseguinte, como seu destino. Tomaz (2015) compreende que a maternidade ocupa um lugar na organização/divisão sexual do trabalho, como um papel social — principalmente de cuidado — atribuído às mulheres. Devido a esse caráter de cuidado, somado ao fato de ocorrer no âmbito doméstico, a divisão sexual do trabalho, que segrega o público do privado, associa a maternidade à esfera das questões privadas. Sobre o tema, Biroli (2018, p. 61) aponta que "o trabalho doméstico e o de provimento de cuidado, desempenhados gratuitamente pelas mulheres, constituem os circuitos de vulnerabilidade que as mantêm em desvantagem nas diferentes dimensões da vida..."

Destacam-se, aqui, as contribuições de algumas autoras feministas, como Badinter (1985) e Scavone (2001), que desnaturalizam a maternidade, mobilizando sua discussão como uma experiência plural. As autoras problematizam o sujeito "mãe" e compreendem tanto a construção social envolvida na maternidade quanto os processos de regulação do corpo da mulher/mãe. Dessa forma, consideramos a existência de múltiplas "maternidades", com suas interseccionalidades e interlocuções. Isso torna a experiência de maternar uma construção social plural, e ao mesmo tempo única para cada mãe, sejam elas cisgênero, transgênero, atípicas, solo, por adoção, com ou sem redes de apoio.

Com base no conceito de Foucault (2004) sobre dispositivo, Marcello (2005) apropria o termo "dispositivo da maternidade" para abordar o quanto as mulheres-mães são reguladas, vigiadas e controladas para seguirem um modelo ideal de maternidade. Por essa ótica, as mulheres-mães estão sujeitas a uma vigilância constante, sob o rótulo da maternidade perfeita, e às condutas idealizadas para o que uma mãe pode ou não fazer, e o que seria uma boa maternidade aceita pelas instituições disciplinares que o forjam: igreja, Estado, família, sociedade e mídia".

Ao pensarmos sobre o dispositivo da maternidade, compreendemos que a mulher está, de certa forma, presa sob esse julgamento, em uma espécie de cativeiro. Lagarde (2005) compreende que esse cativeiro em que vivem as mulheres regula seus comportamentos, num espaço de opressão do sistema patriarcal sob suas condutas e decisões. Alicerçada nesse conceito de cativeiro, Chacel (2024) compreende como "cativeiro da maternidade" os espaços nos quais as mulheres-mães experienciam essa opressão diretamente sob suas maternidades.

Tomaz (2015, p. 155), ao discutir sobre a mídia, refere que ela é "um local inegável de produção de sentido, a comunicação tornou-se um espaço singular para a pesquisa das mais diferentes áreas do conhecimento interessadas na construção social da maternidade". A autora reforça que "as práticas comunicacionais são cada vez mais constitutivas dos ideários da maternidade" (TOMAZ, 2015, p. 159). As leituras de Fischer (2002), que discorre sobre o caráter disciplinar da mídia, e Freire (2022), que afirma que a mídia sustenta ou reforça nossa compreensão sobre os modos de ser mãe, nos convidam a analisar a mídia como espaço de captura da subjetividade. Esse debate contribui para pensarmos sobre a representação da maternidade na mídia.

Dessa forma, considerando a maternidade solo e suas complexidades e compreendendo o papel da mídia como objeto relevante de investigação no campo da comunicação, questionamos: Como a maternidade solo é representada em produções cinematográficas contemporâneas? De que modo tais representações evidenciam a operação do dispositivo da maternidade e seus cativeiros? Interessa-nos compreender como os filmes contribuem para uma produção simbólica da maternidade, na operação das formas de captura e resistência do cativeiro e do dispositivo da maternidade.

Nosso objeto de estudo são os filmes disponíveis nas plataformas de *streaming*, pois essas plataformas, mesmo que pagas, são cada vez mais populares. Em uma busca no Google Acadêmico, a partir da referência "representações da maternidade na mídia", foram encontradas pesquisas com foco de estudo sobre revistas e redes sociais. Essa lacuna contribuiu para a escolha de privilegiar a análise de filmes na execução da pesquisa. A partir

do questionamento levantado, realizamos uma busca sobre produções dos últimos cinco anos, cuja maternidade era exercida de forma solo. A escolha dos filmes selecionados decorreu das experiências representadas sobre a maternidade solo, em contexto de vulnerabilidade socioeconômica.

Assim, este artigo tem como objetivo analisar como a maternidade solo é representada em produções cinematográficas contemporâneas, a partir dos conceitos de cativeiro da maternidade e dispositivo da maternidade, tomando como corpus os filmes *Mãe Terra* (2023) e *Até a Última Gota* (2025). Pretendemos, a partir da pesquisa, contribuir para os debates sobre gênero no audiovisual, ampliando a construção social da maternidade. Na próxima seção, destacamos os pontos de ancoragem, a partir dos referenciais teóricos escolhidos.

Tomada 2: Em cena o público e o privado

Retomando os estudos sobre o campo da maternidade, buscamos refletir sobre a construção social à qual ela se encontra atrelada. Meyer (2005) afirma que o gênero, além de nos diferenciar sexualmente, separa a forma como se constituem e se educam homens e mulheres. Essa premissa é necessária para compreendermos que:

> A divisão sexual do trabalho entre os sexos tem sido fundamental para essa dicotomia desde seus princípios teóricos. Os homens são vistos como, sobretudo, ligados às ocupações da esfera da vida econômica e política e responsáveis por elas, enquanto as mulheres seriam responsáveis pelas ocupações da esfera privada da domesticidade e reprodução. As mulheres têm sido vistas como "naturalmente" inadequadas à esfera pública, dependentes dos homens e subordinadas à família (OKIN, 2008, p. 307-308).

A divisão sexual do trabalho segrega o público e o privado; essa divisão atinge, em especial, a vida das mulheres. Antoniazzi (2021) complementa que, mesmo estando inseridas no mercado de trabalho, as mulheres se sobrecarregam com "suas" jornadas de trabalho. Ou seja, é preciso dar conta do que é considerado privado e público ao mesmo tempo, de modo a atenuar as desvantagens femininas.

> A separação entre público e privado é apresentada na teoria liberal como se ela se aplicasse a todos os indivíduos da mesma maneira. Claramente, isso ainda se aplica a grande parte da teoria contemporânea. A ideia liberal da não-intervenção do Estado no âmbito doméstico, ao invés de manter a neutralidade, na verdade reforça as desigualdades existentes nesse âmbito (OKIN, 2008, p. 320).

Biroli (2018) afirma que a divisão sexual do trabalho compromete a cidadania das mulheres, por exemplo, criando obstáculos à sua participação política. Essa participação interfere tanto na ocupação de cargos quanto na tomada de decisões. Para que a maternidade possa ser tensionada politicamente, é preciso trilhar um caminho para desnaturalizar papéis, reconhecendo as horas dedicadas ao cuidado, que ainda recaem sobre as mulheres. Costa (2024) refere que a maternidade é associada a diversos estereótipos e, a partir disso, é comumente vigiada e inserida em padrões esperados de comportamento para a mulher-mãe.

> Na maternidade, a associação com a Virgem Maria, a necessidade de amor altruísta e compulsório, bem como a responsabilidade do cuidado com a criança justificada pela visão biologizante da divisão sexual do trabalho e do instinto materno, desencadeiam padrões de comportamento exigidos para a mulher-mãe a fim de ter sua maternidade legitimada (COSTA, 2024, p. 50).

Nesse sentido, para compreendermos os estudos de Marcello (2005) com base nas leituras de Michel Foucault, trazemos o conceito de dispositivo para uma melhor compreensão.

> Um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas [...] o dito e o não dito são elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre esses elementos (FOUCAULT, 2004, p. 244).

Com base nessa leitura, Marcello (2005) conceitua o "dispositivo da maternidade" como sendo todas as instituições que, de alguma forma,

controlam, vigiam, determinam modelos e comportamentos das mulheres-mães. São eles a família, a igreja, a mídia, a escola, além do próprio Estado. A autora afirma que o dispositivo cria modelos idealizados de maternidade, produzindo práticas de maternização, ao "dar visibilidade e enunciabilidade a esses modos específicos de ser sujeito-mãe" (MARCELLO, 2005, p. 141).

O dispositivo opera também através do controle e do autocontrole, que regulam até mesmo os pensamentos da mulher-mãe, como nas recomendações de evitar pensamentos negativos durante a gestação ou de cuidar das palavras utilizadas. Outro modo de operar é através da organização da vida cotidiana, que prioriza o cuidado com os filhos em detrimento do autocuidado, levando muitas mulheres a (re)organizarem suas rotinas ou a deixarem seus trabalhos. Por fim, destaca-se o enunciar-se, isto é, a forma como a mulher-mãe narra sua experiência, frequentemente enfatizando o quanto a maternidade transformou sua vida.

Em consonância com o dispositivo da maternidade, trazemos o conceito de cativeiro, em que vivem as *madresposas* (mães-esposas), apresentado pela antropóloga Marcela Lagarde (2005). Para a autora, cativeiros são "fenômenos de expropriação, inferiorização, discriminação, dependência e subordinação" (LAGARDE, 2005, p. 17, tradução nossa). Chacel (2024, p. 176) complementa que "assim, o cativeiro está diretamente ligado à decisão do outro sobre a mulher, numa lógica opressora do sujeito masculino dominador, bem como do sistema patriarcal e capitalista, funcionando como uma sentença para toda mulher". Podemos dizer que o dispositivo da maternidade identifica a rede de mecanismos que produz as subjetividades, ao mesmo tempo em que o cativeiro interpreta e captura essas formas de opressão.

Mesmo as mulheres-mães que se consideram realizadas com suas maternidades também se encontram vigiadas, capturando ou capturadas nos cativeiros. Costa (2024, p. 51) considera que "as mulheres-mães cativas também se tornam instituição de disciplina, exercendo opressão pela qual são igualmente vítimas". Quando julgamos a maternidade de uma mulher como boa, ruim, certa, errada, entre outras formas, também aprisionamos essa mãe nos cativeiros.

Tomada 3: Em cena a potência da mídia no dispositivo da maternidade

A mídia tem veiculado diversos conteúdos de mulheres-mães sobre suas maternidades, dores e silenciamentos. As redes sociais têm sido o principal espaço encontrado por mulheres-mães para externarem suas dificuldades e compartilharem experiências consideradas "da vida real", longe dos romantismos. Do mesmo modo, outros perfis de mulheres que se consideram "especialistas" usam as redes sociais como guias para as mães (FREIRE, 2022).

> Por se tratar de uma instituição de controle, sendo empregada por ela mesma para docilizar a mulher-mãe, a mídia determina, naturaliza, legitima, reforça e rompe paradigmas sociais, atuando como uma mediadora do conhecimento ao instaurar um processo de ensino e aprendizagem da maternidade e da maternagem (CHACEL, 2024, p. 185).

Talvez o paradoxo da mídia seja proporcionar espaço para que mais mulheres possam falar abertamente sobre seus "cativeiros", libertando quem fala, ao mesmo tempo em que permite um novo aprisionamento por parte de quem ouve. Nesse ponto, consideramos o processo de ensino-aprendizagem que a mídia exerce.

> A mídia, portanto, não se constitui como um mero espaço em que as mães conseguem dar visibilidade e enunciabilidade aos saberes e à normatividade, mas como um espaço que igualmente produz, por suas linhas de subjetivação, formas pelas quais elas se reconhecem nesses saberes, se reconhecem nessa normatividade e podem efetivamente enunciar-se (e serem enunciadas) como sujeitos desse "dispositivo" (MARCELLO, 2005, p. 148).

Fischer (2002) também se utiliza dos entendimentos de Michel Foucault sobre dispositivo e desenvolve o conceito de "dispositivo pedagógico da mídia". A autora, ao estudar a mídia, principalmente a televisão, compreende que a mídia constitui os sujeitos e sua subjetividade na produção dos conteúdos, produzindo um aparato discursivo e não discursivo.

> No que tange à produção e à circulação de uma série de valores, concepções, representações — relacionadas a um aprendizado cotidiano sobre quem nós somos, o que devemos fazer com nosso corpo, como devemos educar nossos filhos, de que modo deve ser feita nossa alimentação diária, como devem ser vistos por nós, os negros, as mulheres, pessoas das camadas populares, portadores de deficiências, grupos religiosos, partidos políticos e assim por diante (FISCHER, 2002, p. 153).

Risk e Santos (2021, p. 2) afirmam que "...as mídias constituem intrincado conjunto de significados, veiculados por imagem, som, texto, uso criativo de câmera, dentre outros recursos que difundem discursos e práticas e, portanto, modelam a subjetividade..." Freire (2022), ao falar sobre as representações de maternidade consumidas e produzidas pelas mulheres, compreende que a mídia atua como transmissão de "saberes quase disciplinares". É a partir desse reconhecimento da mídia como dispositivo, que opera (re)produzindo sentidos, que traçamos essa análise.

Tomada 4: Em cena o percurso metodológico

Os estudos culturais reúnem uma abordagem interdisciplinar no campo das ciências humanas e sociais. Risk e Santos (2021, p. 2) apontam que os estudos culturais se constituem a partir da articulação entre "análise textual, visual e verbal, passando pela história da arte, crítica literária, estudos de gênero, até as teorias da linguagem…além de pesquisas sobre cinema, mídia, comunicação e cultura popular". Sob esse viés, Paraíso (2014) propõe compreender a metodologia não como um conjunto rígido de técnicas, porém como uma maneira de perguntar, de formular problemas e de produzir informações coerentes. Em suma, isso implica analisar como os discursos presentes nos artefatos culturais favorecem a formação de subjetividades e a legitimação de determinadas verdades, frequentemente associadas aos grupos dominantes.

A partir dos Estudos Culturais, o protocolo metodológico adotado para analisar a pesquisa é a análise cultural, cuja prática central consiste na investigação das dimensões sociais e culturais presentes nos artefatos midiáticos. Conforme Steffen, Henriques e Lisboa Filho (2020), a adoção

desse protocolo metodológico possibilita identificar e compreender as inter-relações de significados presentes nas práticas sociais. Nessa perspectiva, a análise cultural orienta a investigação das articulações entre artefatos midiáticos e seus contextos socioculturais. Como destacam Lisbôa Filho e Machado (2015, p. 3), "a análise cultural dedica-se a pensar as relações humanas no contexto de interrelação onde as mídias ocupam um importante lugar na concepção e ação cultural dos sujeitos". Em síntese, os Estudos Culturais e a análise cultural são mecanismos cruciais para uma compreensão crítica dos sujeitos e das práticas que moldam os sentidos e os espaços.

Durante a pesquisa das obras que pudessem contribuir para esta análise, o filme *Até a última Gota* já era de nosso conhecimento. Assim, buscamos a seleção de pelo menos mais uma obra para compor essa análise. Realizamos uma busca exploratória, utilizando a ferramenta de inteligência artificial generativa ChatGPT (OPENAI, 2026), com um comando para a busca de "filmes lançados nos últimos cinco anos sobre maternidade solo, com foco em mulheres em situação de vulnerabilidade socioeconômica, enfrentando desafios como pobreza, precarização do trabalho, ausência de rede de apoio, violência institucional, desigualdades raciais e sobrecarga do cuidado".

O levantamento resultou em oito produções audiovisuais: cinco filmes, dois documentários e uma série. Como o estudo se concentra exclusivamente em longas-metragens, os dois documentários e a série foram excluídos, restando cinco filmes para avaliação. Um dos pontos que contribuiu para a escolha do filme *Mãe Terra* para compor a análise foi o realismo e a empatia que compõem a trama. Próprio dos filmes do gênero drama, as narrativas de ambos os filmes causam comoção, ao apresentarem conflitos que podem trazer ressonância emocional a quem assiste.

Destaca-se também como critério de seleção o fato de que ambos os filmes abordam a transferência privada das relações de cuidado, tanto as expectativas socialmente atribuídas ao papel materno quanto as imposições que sustentam determinado ideal de maternidade. Outro aspecto relevante, em comum nos dois filmes, é a ausência da figura paterna

nas narrativas, o que justifica a concentração das responsabilidades de cuidado nas protagonistas. Para contextualizar as obras examinadas, foi elaborado pelas autoras o Quadro 1, com informações sobre os artefatos culturais analisados, incluindo título original e em português, direção, ano de lançamento, plataforma de *streaming*, gênero cinematográfico e uma breve sinopse.

Quadro 1 – Filmes selecionados para análise.

Filme	Diretor(a)	Ano de lançamento	Plataforma de streaming	Gênero	Sinopse divulgada
Earth Mama (Mãe Terra)	Savanah Leaf	2023	Disponível para aluguel/ compra em plataformas como Amazon Video, Apple TV, Google Play, Claro Video, Vivo Play	Drama	A história acompanha Gia, uma mãe solteira grávida novamente, que luta para recuperar seus filhos que estão em um abrigo e garantir um futuro melhor para a sua família em meio às dificuldades e desafios da vida cotidiana.
Straw (Até a Última Gota)	Tyler Perry	2025	Netflix	Drama/ Crime psicológico	Janiyah Wiltkinson, uma mãe solteira, enfrenta um dia cataclísmico em que uma sequência de eventos desesperadores a empurra a um limite extremo, levando a decisões dramáticas que mudam completamente sua vida.

Fonte: Elaboração das autoras.

Destacamos no filme *Mãe Terra* a maternidade negra, a dinâmica do acolhimento institucional e a prática do controle sobre os corpos. A trama se passa na Califórnia/Estados Unidos. Em meio a "esperas", seja pela gestação

ou pela recuperação da guarda dos filhos, a protagonista do filme se encontra cercada por outras mulheres, que também aguardam a recuperação da guarda dos filhos. As esperas retratadas no filme tornam a produção mais desacelerada, que, por muitas vezes, foca na protagonista acariciando sua barriga.

O filme, também norte-americano, *Até a Última Gota* aborda, além da maternidade negra, um leque de desigualdades socioeconômicas, que são mostradas ao retratar um dia na vida da personagem. A precarização das condições de moradia e de trabalho, o preconceito racial e a violência institucional são algumas questões destacadas, em meio a tantas outras observadas no filme. A proposta da direção de concentrar em um único dia todos os acontecimentos da vida da protagonista torna a produção acelerada, ao contrário do outro filme. Se *Mãe Terra* é marcada pelo desaceleramento das esperas, *Até a Última Gota* causa angústia, pois, a todo o momento, nos questionamos sobre o que mais pode acontecer com a protagonista.

Risk e Santos (2021, p. 4) apontam que "as mídias são compostas por material escrito (roteiro/texto), audiovisual, além de efeitos de direção de arte, o que torna complexa sua organização e análise". A partir dos autores, compreendemos que, para a coleta dos dados da pesquisa, fez-se necessário organizar os componentes audiovisuais que mais contribuíram para nosso objetivo. Para a realização da análise, os filmes foram assistidos repetidamente, na busca pela seleção das cenas que mais contribuem para a problematização da maternidade solo.

As cenas foram organizadas em eixos analíticos, relacionados às experiências de cuidado, sobrecarga, vulnerabilidade, ausência de suporte institucional e formas de resistência. Foram considerados também os diálogos, a construção das personagens, os cenários, figurinos e situações narrativas que evidenciam controle e vigilância sobre as mulheres-mães.

A interpretação dos dados foi orientada pela atenção às representações construídas, às relações de poder que atravessam as narrativas e aos modos pelos quais os filmes reiteram ou tensionam normas associadas ao dispositivo da maternidade e aos cativeiros historicamente impostos às mulheres, produzindo uma leitura interpretativa alinhada à perspectiva dos Estudos Culturais.

Tomada 5: Em cena a análise das produções — o parto

Os artefatos culturais pesquisados nos permitem elencar o cuidado como um dos eixos principais de ambos os filmes. Para além das narrativas contadas, os filmes encontram na discussão do cuidado a problematização da ausência de redes de apoio, suporte e do papel do Estado. Portanto, não são apenas histórias fictícias; esses artefatos são uma forma de transmitir uma mensagem, na operação do dispositivo pedagógico da mídia, ao qual Fischer (2002) se refere. O esgotamento de Janiyah e a vigilância sobre Gia são problemas estruturais, nos quais operam, de formas distintas e cruéis, o cativeiro e o dispositivo da maternidade.

Compreendemos que o diretor de *Até a Última Gota* ao inserir a maternidade como ponto central da vida da protagonista, constrói uma personagem "protegida" pelo escudo da maternidade, como se as responsabilidades a ela atribuídas fossem maiores que os erros e os crimes então cometidos. Chacel (2024, p. 186) faz menção ao fato de que, nos filmes, as narrativas "giram em torno…ora da mulher que é capaz de tudo pelo filho, inclusive de atitudes criminosas, sendo justificadas pelo amor materno".

Em nosso entendimento, o filme busca provocar a sensibilidade do público para a comoção pela situação de angústia na qual a personagem está envolvida. Observa-se que o ato de defender ou inocentar a personagem, mesmo diante do crime cometido ao longo do enredo, evidencia a dificuldade de associar a figura materna a comportamentos violentos, já que socialmente se espera que a mãe seja dócil, atenciosa e amorosa. Nesse sentido, a personagem, no limite da exaustão mental, apresenta muitas expressões do cativeiro da maternidade, tanto pelos elementos visuais que compõem sua representação — como o figurino simples, os cabelos desarrumados e as olheiras — quanto pelas condições sociais de vulnerabilidade às quais está submetida ao longo da narrativa.

A saúde mental da protagonista, bem como a saúde física de sua filha, também são expressões da naturalização do sacrifício feminino, na qual opera o dispositivo da maternidade. Ainda no início do filme, a filha da

personagem aparece voltando do hospital para casa, no colo da mãe. Contudo, ao final da narrativa, revela-se que a criança havia falecido naquele momento, ou seja, no início do filme, e que a protagonista vivenciava todos os acontecimentos daquele dia, sob um quadro de transtorno pós-traumático, incapaz de aceitar a morte da filha.

Ao descobrirmos a reviravolta do roteiro do filme, que nos convida a uma nova reflexão sobre o enredo, observamos os impactos da moralização da maternidade, da ausência da corresponsabilização paterna, do julgamento social sobre as decisões maternas, da ausência de uma rede de apoio, da culpa e da ausência do Estado na rede de proteção. *Até a Última Gota* nos oferece um "combo" de expressões do cativeiro e do dispositivo da maternidade; o filme representa uma maternidade solo desafiadora.

No filme *Mãe Terra*, os dispositivos também se tornam perceptíveis desde o início da narrativa. Na cena de abertura, antes mesmo da exibição do título do filme, uma das participantes do grupo do qual a protagonista faz parte, afirma que aquela é a sua própria jornada, e que ninguém poderia se colocar em seu lugar ou viver em sua pele. No mesmo diálogo, a personagem acrescenta: "quando todo mundo tem uma opinião, me julgando com um rei na barriga... deixa estar" (MÃE TERRA, 2023, 00:01:44). A fala evidencia a presença de julgamentos e expectativas sociais que atravessam a experiência da maternidade, apontando para os mecanismos de vigilância e avaliação que recaem sobre essas mulheres.

No filme, a protagonista reside com a irmã após ter seus filhos afastados de seu convívio, também pelo serviço de proteção à criança americano. As circunstâncias que levaram a esse processo de separação não são explicadas. A protagonista busca cumprir uma série de exigências institucionais para demonstrar que possui "aptidão materna", realizando cursos e participando de avaliações para recuperar a guarda das crianças. Nesse processo, a personagem, que está grávida, é constantemente convocada a comprovar sua condição de "boa mãe", evidenciando, mais uma vez, os mecanismos de controle e julgamento sobre o exercício da maternidade.

Ao mesmo tempo em que o grupo frequentado por Gia tem a função de auxiliar as mães no processo de retomada da guarda de seus filhos, ele também se coloca como um espaço de partilha e apoio, no qual as mulheres trocam experiências sobre suas trajetórias de vida, relações familiares, infâncias marcadas por vulnerabilidades e uso de drogas. As falas das participantes são carregadas de significados e sentimentos, revelando tanto o sofrimento pela separação dos filhos quanto o peso dos julgamentos sociais e familiares que recaem sobre elas. Esse grupo opera no ciclo de captura e aprisionamento do cativeiro da maternidade.

Em outra cena em que o grupo aparece, a responsável pela atividade distribui preservativos às mulheres e orienta que elas mantenham o tamanho de suas famílias, afirmando que o objetivo do grupo é possibilitar a retomada da guarda dos filhos, mas sem ampliar o número de crianças. É a manifestação da atuação dos mecanismos de regulação sobre os corpos e comportamentos dessas mulheres, dos discursos sobre responsabilização materna e, principalmente, de moralização. Trata-se de um sistema que, ao mesmo tempo em que oferece suporte, também vigia, normatiza e disciplina práticas consideradas adequadas ao exercício da maternidade.

Como aponta Antoniazzi (2021, p. 102), "as mulheres, quanto mais excluídas e marginalizadas, mais estão sujeitas a relações de opressão". Essa dinâmica torna-se ainda mais evidente quando, em uma cena de intenso estresse, Gia consome *crack*, o que acelera seu trabalho de parto. No hospital, a responsável pelo grupo que a acompanha no processo de entrega do bebê para a adoção afirma que Gia cometeu abuso contra a criança, ao utilizar a droga. Paralelamente, o hospital notifica a assistente social sobre o uso da substância, situação que passa a ter impacto direto nas decisões relacionadas à custódia de seus filhos.

> Se durante a gravidez, aquilo que a mãe faz com o corpo é importante para o bom desenvolvimento do feto ou para sua subsistência, no caso das mães que já pariram seus filhos aquilo que elas fazem com seu corpo pode estar relacionado com o desenvolvimento saudável da infância de suas crianças (MARCELLO, 2005, p. 143).

Tomada 6: Em cena os cativeiros e dispositivos

Destacamos, a seguir, algumas cenas nas quais as expressões do cativeiro da maternidade e do dispositivo da maternidade são percebidas. Marcadas pela precarização do trabalho na luta pela sobrevivência, as protagonistas dos filmes trabalham como caixa-operadora em um supermercado e auxiliar em um estúdio de fotografia, respectivamente. Em *Até a Última Gota*, a personagem menciona possuir dois empregos para sustentar a filha, embora o segundo não seja explicitado na narrativa.

Em ambas as obras, as personagens são retratadas em constante mobilização de estratégias para garantir o sustento de suas casas e de seus filhos; é a organização da vida cotidiana sendo operada pelo dispositivo. Os filmes também mostram o local de residência das personagens, sugerindo a ideia de conjuntos habitacionais com casas muito semelhantes ou idênticas. Na cena inicial de *Até a Última Gota*, é possível visualizar a casa da protagonista: a câmera mostra a pia repleta de louça, restos de comida, roupas espalhadas pela sala e o documento de aviso de despejo do apartamento. A ideia subjacente a essa cena nos parece ser a de demonstrar ao espectador que as demandas da maternidade são tantas, que não há tempo suficiente para "dar conta de tudo".

> O fato é que a organização do tempo da mulher-mãe pressupõe a distribuição das atividades, a escolha de priorizar o filho, e o cuidado de si sem perder de vista o cuidado com o outro (Marcello, 2005). No entanto, o dispositivo da maternidade ao exigir uma auto-organização do tempo de mulher-mãe defende uma normativa de que a maternidade, antes de qualquer outra função, precisa ser plenamente desempenhada. Nesse sentido acrescento aqui uma tecnologia de si, à qual está vinculada a pressão da auto-organização, bem como do que o dispositivo impõe sobre o que é ser mãe: culpabilizar-se (CHACEL, 2024, p. 183).

Em outra cena de *Até a Última Gota*, Janiyah é despejada de seu apartamento por falta de pagamento do aluguel. Mesmo diante de uma situação adversa, em que a culpa pela "desorganização" da vida é exaltada, em uma cena dramática em meio à chuva, a mãe aprisionada pelo cativeiro cumpre, mais uma vez, uma expectativa materna. Ao se

deparar com todos os seus pertences jogados na calçada, a personagem decide recolher do chão apenas o trabalho da feira de ciências da filha, colocando a filha em primeiro lugar. Esse gesto reforça as práticas de maternização do dispositivo, referidas por Marcello (2005).

Até a Última Gota também trata da negligência. Em determinado momento da narrativa, a criança é retirada do convívio com a mãe pelo serviço de proteção à criança dos Estados Unidos. O motivo foi a informação prestada pela professora de que a menina frequentemente chegava à escola com fome e, por vezes, suja. Essas cenas não são "confirmadas" no filme. Mais uma vez, o dispositivo atua, quando determina os modos pelos quais o cuidado deve ser operado.

Por fim, destacamos um dos diálogos do filme *Mãe Terra* que poderia ser usado em ambos os filmes e que retrata como opera o mecanismo do ciclo das desigualdades socioeconômicas. A cena se passa em uma conversa entre a protagonista e sua melhor amiga, após a decisão de Gia pela entrega do filho em adoção. Essa amiga também vive sob condições de vida muito parecidas com as de Gia, também está grávida e faz parte do grupo de apoio às mães, que buscam recuperar os filhos que estão sob tutela do Estado.

Na cena, a amiga julga a decisão de Gia e usa a Bíblia para justificar que aquela "escolha" pela entrega da criança em adoção, não segue os planos de Deus. Essa atitude corrobora o argumento de Chacel (2024) quando afirma que o dispositivo opera na vigilância sobre elas mesmas e sobre outras mães. Escolhemos finalizar essa pesquisa utilizando esse diálogo, pois o mesmo sintetiza nossas considerações. "Tem um monte de pessoas esperando a gente falhar, minha vida inteira eu tive tudo tirado de mim. Tentaram tirar nossa cultura, tentaram tirar nossas casas, tentaram tirar nossa liberdade. O mesmo que está acontecendo com a gente agora, aconteceu com as nossas mães" (MÃE TERRA, 2023, 00:37:21).

Considerações finais

Esta pesquisa teve como objetivo compreender como a maternidade solo é representada nos filmes *Até a Última Gota* e *Mãe Terra*, a partir dos

conceitos de dispositivo e cativeiro da maternidade. A análise, orientada pelos Estudos Culturais, permitiu identificar a presença desses conceitos nas duas obras, evidenciando como as narrativas cinematográficas mobilizam discursos que produzem sentidos sobre o exercício da maternidade.

Os resultados indicam que as produções analisadas, mais do que representar experiências de maternidade, denunciam marcas de vulnerabilidade que impactam diretamente a vida das mulheres-mães, em especial a sobrecarga das tarefas de cuidado. Consideramos que um dos limites dessa pesquisa foi a ausência de um aprofundamento sobre o fato de as protagonistas serem mulheres negras. Compreendemos que esse debate poderia ampliar a compreensão das dinâmicas aqui discutidas, abrindo espaço para novas contribuições.

Nesse contexto, compreende-se a mídia como um espaço em que o dispositivo da maternidade opera, produzindo representações e significados que influenciam as formas de perceber e avaliar socialmente a experiência materna. Desse modo, a maternidade revela-se como um campo de disputas discursivas, atravessado por relações de poder que regulam modos de "ser" mulher-mãe na contemporaneidade. Ainda que esta pesquisa tenha se concentrado na análise de dois produtos culturais, seus resultados indicam a importância de explorar esse campo de investigação, a fim de compreender como operam, em outros espaços do campo da comunicação, os dispositivos e cativeiros que regulam a maternidade. Cena final...e corta!

Conflito de interesses: nada a declarar.

Fonte de financiamento: o presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

Disponibilidade de dados da pesquisa: todos os conjuntos de dados foram gerados ou analisados no presente estudo.

Contribuições dos autores: Saalfeld, T.: curadoria de dados, conceituação, análise formal, escrita – primeira redação, escrita – revisão e edição. Vargas, J.: conceituação, análise formal, escrita – revisão e edição.

Referências

ANTONIAZZI, C. B. Maternidade: uma forma de opressão? *Cadernos de Ética e Filosofia Política*, São Paulo, v. 39, n. 2, p. 92-103, 2021. https://doi.org/10.11606/issn.1517-0128.v39i2p92-103

BADINTER, E. *O mito do amor materno*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

BIROLI, F. *Gênero e desigualdades*: limites da democracia no Brasil. São Paulo: Boitempo, 2018.

CHACEL, M. C. C. Cativeiro da maternidade, dispositivo e pedagogia da mulher-mãe: reflexões iniciais. *Mosaico: Revista de História*, Goiânia, v. 16, n. 4, p. 173-189, 2024. https://doi.org/10.18224/mos.v16i4.13537

COSTA, M. A maternidade como um espaço de opressão: aprisionamentos e silenciamentos da mulher-mãe. *Revista Mundaú*, Maceió, v. 1, n. 15, p. 40-59, 2024. https://doi.org/10.28998/rm.2024.n.15.17078

EARTH MAMA. Direção: S. Leaf. Estados Unidos: A24, 2023. Filme (101 min.).

FISCHER, R. M. B. O dispositivo pedagógico da mídia: modos de educar na (e pela) TV. *Educação & Pesquisa*, São Paulo, v. 28, n. 1, p. 151-162, 2002. https://doi.org/10.1590/S1517-97022002000100011

FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 2004.

FREIRE, M. Maternidade nas mídias: entre a crítica, a romantização e a pressão social: Em entrevista, a pesquisadora da comunicação Milena Freire fala sobre o estudo da maternidade nas redes sociais digitais. *Revista Arco*, Santa Maria, 2022.

LAGARDE, M. *Los cautiverios de las mujeres: madresposas, monjas, putas, presas y locas*. México: UNAM, 2005.

LISBÔA FILHO, F.; MACHADO, A. Comunicação e cultura: reflexões sobre a análise cultural como método de pesquisa. *In*: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO SUL, 16., 2015, Joinville. *Anais...* Joinville: Intercom, 2015. p. 1-15.

MARCELLO, F. A. Enunciar-se, organizar-se, controlar-se: modos de subjetivação feminina no dispositivo da maternidade. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, n. 29, p. 139-151, 2005. https://doi.org/10.1590/S1413-24782005000200011

MEYER, D. E. A politização contemporânea da maternidade: construindo um argumento. *Revista Gênero*, Niterói, v. 6, n. 1, p. 81-104, 2005. https://doi.org/10.22409/rg.v6i1.198

PARAÍSO, M. A. Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação e currículo: trajetórias, pressupostos, procedimentos e estratégias analíticas. *In*: MEYER, D. E.; PARAÍSO, M. A. (org.). *Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação*. 2. ed. Belo Horizonte: Mazza, 2014. p. 23-46.

OKIN, S. M. Gênero, o público e o privado. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 16, n. 2, p. 305-332, 2008. https://doi.org/10.1590/S0104-026X2008000200002

OPENAI. *ChatGPT* (versão GPT-5.5) [modelo de linguagem baseado em inteligência artificial]. San Francisco: OpenAI, 2026. Disponível em: https://chat.openai.com. Acesso em: 23 maio 2026.

RISK, E. N.; SANTOS, M. A. Estudos culturais, pesquisa qualitativa e mídias: critérios metodológicos para análise de dados audiovisuais. *Psicologia & Sociedade*, Belo

Horizonte, v. 33, e234657, 2021. https://doi.org/10.1590/1807-0310/2021v33234657
SCAVONE, L. *Maternidade:* transformações na família e nas relações de gênero. São Paulo: Editora Unesp, 2001.
STEFFEN, L. S.; HENRIQUES, M. N.; LISBOA FILHO, F. F. Análise cultural-midiática como protocolo teórico-metodológico de pesquisas em comunicação. *Intercom: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação*, São Paulo, v. 43, n. 3, p. 21-39, set./dez. 2020. https://doi.org/10.1590/1809-5844202031
STRAW. Direção: T. Perry. Estados Unidos: Netflix, 2025. Filme (108 min.).
TOMAZ, R. Feminismo, maternidade e mídia: relações historicamente estreitas em revisão. *Galáxia*, São Paulo, n. 29, p. 155-166, 2015. https://doi.org/10.1590/1982-25542015120031

Sobre os autores

Juliana Vargas: Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e em Educação Física pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). Especialista em Tecnologias Digitais Aplicadas à Educação (ULBRA). Mestre e Doutora em Educação pela Linha de Pesquisa Estudos Culturais em Educação (PPGEDU/UFRGS). Professora da Faculdade de Educação (FACED) e do Programa de Pós-Graduação (PPGEDU) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). *E-mail*: julivargasufrgs10@gmail.com

Thais Saalfeld: Assistente Social, Graduada em Serviço Social pela Universidade Católica de Pelotas (UCPel). Mestra em Educação em Ciências pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Doutoranda em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) na linha de pesquisa Educação, Sexualidade e Relações de Gênero. Participa do Grupo de Pesquisa de Estudos de Educação e Relações de Gênero da UFRGS. Atua como Assistente Social no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul - campus Bento Gonçalves. *E-mail*: thais.saalfeld@bento.ifrs.edu.br

Recebido: 10/03/2026
Aceito: 23/06/2026